



* A. C. Portinari Greggio

COM OU SEM MADURO, VENEZUELA É CASO PERDIDO

O mundo mudou e o Brasil precisa encarar suas responsabilidades

Quando este artigo chegar aos leitores do INCONFIDÊNCIA, provavelmente Maduro já terá caído do cavalo. Mas as lições da crise venezuelana, se o Brasil as aprender, exigirão radicais providências estratégicas de longo prazo. Este é o nosso assunto.

Todos dizem que as ditaduras de Chávez e Maduro são a causa da miséria da Venezuela, e lembram que, antes deles, era um dos países mais prósperos do mundo, “graças ao petróleo”. Errado. Chávez e Maduro não são causa, são consequência dum fenômeno que alguns economistas denominam “paradoxo da riqueza”, ou mais simplesmente “maldição do petróleo”. Há vários livros sobre o tema, mas todos omitem o principal fator dessa maldição: a **degeneração demográfica**. Foi “graças ao petróleo” que a Venezuela chegou até Chávez e Maduro. A mesma degeneração (com causas diferentes, mas iguais efeitos) aconteceu no Brasil da constituição de 1988, e nos premiou com Lula e Dilma. Na Venezuela, foi o petróleo. No Brasil, foi o assistencialismo tipo bolsa família, que começou com o “tudo pelo social” de Zé Sarney. Mas já falamos sobre o caso brasileiro em dezenas de artigos nesses últimos quinze anos. Falemos da Venezuela.

Grandes descobertas de petróleo e gás podem prejudicar até mesmo países altamente desenvolvidos, como aconteceu com a Holanda na década de 1950. O desenvolvimento dos campos de gás de Groningen aumentou a procura por mão-de-obra especializada e provocou aumento geral de salários. As exportações do gás trouxeram enormes superávits comerciais e resultaram na supervalorização do florim, moeda holandesa da época. Altos salários e câmbio favorável prejudicaram a indústria local, que também vivia de exportações e perdeu a competitividade internacional. A falta de mão-de-obra atraiu imigrantes do Terceiro Mundo. Resultado: regressão da indústria e da agricultura e degeneração cultural.

Em países menos desenvolvidos o desastre do petróleo é mais grave.

A primeira consequência da inundação de dólares é a **abolição da soberania popular e da cidadania** e o surgimento de monstruosos, **incontroláveis e onipotentes Estados totalitários** que abrangem inteira a vida nacional, bem de acordo com o ideal fascista de Mussolini: “**Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado**”. Os direitos de exploração do petróleo e do gás passam a constituir a principal e quase única fonte de receitas do Estado, o qual já não precisa arrecadar impostos para governar. Ao contrário: em vez de arrecadar, o Estado passa a distribuir benesses, bolsas-famílias, subsídios e sinecuras. Ora, como sabe qualquer aluno de História, a principal defesa dos cidadãos contra a tirania é o fato do Estado depender dos impostos para existir. Foi essa dependência dos tributos que fez surgir o poder Legislativo, cuja principal função, antigamente, era controlar o Rei por meio do orçamento anual. Dando vida autônoma ao Estado, a maldição do petróleo atropela a soberania popular e castra a cidadania.

A segunda consequência é a **supervalorização da moeda local**, devido à citada inundação de dólares. Em países subdesenvolvidos a coisa é mais drástica do que no caso da Holanda. A indústria e a agricultura simplesmente deixam de existir, incapazes de concorrer com as importações. Fábricas fecham as portas, o setor agropecuário é abandonado. Assim a maldição do petróleo **distorce a economia e sufoca as atividades produtivas**.

A terceira consequência da maldição do petróleo é o surgimento de uma **sociedade parasitária e dependente do Estado**. Os mais aptos arrumam outros meios de sobre-

viver. A nova economia da abundância gratuita abre oportunidades nos setores improdutivos, especialmente os ligados ao Estado. Os menos capazes passam a viver de subsídios e benesses, sem trabalhar, sem estudar (para quê?) e sem futuro. E como acontece quando se subsidia qualquer população de baixo QI médio, passam a proliferar e a aumentar indefinidamente a clientela do **proletariado**. Na antiga Roma os **proletarii** eram a classe dos desocupados das grandes cidades, sustentados pelo governo com a única incumbência de ter numerosos filhos, futuros soldados do Exército imperial. Nas sociedades “democráticas” dos dias de hoje sua função é outra: é constituir a **massa eleitoral** de dependentes crônicos que mantêm a classe política no poder. Essa é, pois, a terceira consequência da maldição do petróleo: a **degeneração demográfica**.

Se o gentil leitor pedir provas dessas teses, eu poderia citar vasta literatura econômica disponível. Mas não preciso, porque testemunhei ao vivo esse fenômeno no Oriente Médio, onde trabalhei na década de 1970, fase áurea da riqueza do petróleo.



Guaidó versus Maduro, mocinho x bandido: está na cara

A maldição na Venezuela começou na década de 1920. São várias gerações de venezuelanos que jamais conheceram outro tipo de vida. Até recentemente, a renda do petróleo era controlada pela elite educada, a qual cuidava de redistribuir generosamente, de modo que mantivesse as classes mais baixas contentes e conformadas na sua ociosa pobreza. Mas, como era fácil prever, essa classe proliferou e passou a exigir igualdade, na onda geral de “democracia” que varreu o Ocidente após a queda do Muro de Berlim. Foi essa a brecha que permitiu a ascensão de Chávez. Para consolidar seu poder, ele se aliou a Fidel Castro e à trama subversiva do Foro de São Paulo. Cuba é nação parasitária, incapaz de sobreviver por si. Sem a ajuda da extinta União Soviética, passou anos difíceis, de fome, nos quais explorou as únicas fontes de dinheiro disponíveis: narcotráfico, lavagem de dinheiro e prostituição disfarçada de “turismo”. A aliança com Lula e Chávez dentro do esquema do Foro de São Paulo foi a tábua da salvação.

Hoje, quando as nossas FFAA prestam socorro aos milhares de refugiados venezuelanos na fronteira, ingenuamente quebram o galho dos cubanos e de Maduro. Maduro e Castro querem é isso mesmo: que essa gente se vá. Entre 2005 e 2018 calcula-se que 2,3 milhões fugiram. Menos população, menos problemas. O que lhes interessa é o petróleo e as demais riquezas naturais da Venezuela, que planejam explorar até o fim, ainda que ao preço de entregar o território aos chineses e russos.

Vamos aos números. Na década de 1970, no auge do petróleo, a Venezuela era um dos países mais ricos do mundo. Entre 1970 e 1980, a população cresceu de 10,5 para 15 milhões. Em 2019, dobrou: são 31 milhões. É difícil avaliar o impacto sobre as contas públicas devido ao presente caos inflacionário. Mas sabe-se que tudo depende do petróleo, que responde por 98% das receitas do Estado. Como a Venezuela nada produz, tudo o que consome – inclusive alimentos – é importado.

Para entender o drama, temos de considerar dois números: o **custo marginal** (ou,

no nosso caso, simplesmente **custo**) do petróleo exportado e o seu **preço de equilíbrio** (ou seja, o preço que seria necessário para equilibrar receitas e despesas do governo). Em 2015, o custo estava em torno de 20 dólares/barril. Como o preço internacional flutuava em torno de 50 dólares/barril, dava lucro de US\$ 30/barril. Bom negócio. Mas não suficiente para fechar as contas. O preço de equilíbrio na época era US\$ 117/barril. Para cobrir o rombo, a Venezuela precisaria exportar 4 milhões barris/dia. Não seria difícil, porque já em 1995 produzia 3,5 milhões, e tem as maiores reservas comprovadas do mundo, cerca de 300 bilhões de barris. Acontece que em 2002 Chávez, para enfrentar um movimento popular contra seu governo, irritado com a greve na Petroleos de Venezuela (PDVSA), a estatal monopolista, demitiu milhares de funcionários da empresa, que ficou sem quadros técnicos. No seu lugar, nomeou incompetentes confiáveis, seus camaradas de armas, secundados por assessores cubanos. Não tardou para que a empresa se deteriorasse e a produção caísse ao atual nível de 1 milhão de barris/dia.

Como resultado da incompetência geral, o PIB da Venezuela tem caído, nos últimos cinco anos, à razão de 16% ao ano. Não há necessidade de descrever a situação do país, porque tem sido bastante divulgada na mídia – não porque seja honesta, mas porque não dá para esconder ou maquilar.

É interessante observar como a mídia internacional está impregnada de simpatizantes do regime de Maduro. Sem argumentos para defendê-lo, apelam para o cinismo: preste ou não preste, vamos ter de engolir e aguentar, porque o homem tem apoio das suas Forças Armadas, mais a solidariedade da China, da Rússia, da Turquia, do Irã e da Coreia do Norte. (Ah, eu ia esquecendo a Nicarágua, o Uruguai e o México). Vejam que caterva.

Começemos pelos comandantes das FFAA venezuelanas. Não sou expert em análises militares, mas é fácil entender que as FFAA da Venezuela não têm nada em comum com as do Brasil, por exemplo. São notoriamente corruptas e inimigas do seu próprio povo. Sujeitam-se à supervisão de agentes cubanos. É notório que o alto comando venezuelano não passa duma máfia que controla e lucra com a importação e distribuição de alimentos e medicamentos; e participa do narcotráfico, em associação com cartéis da Colômbia e do México. A DEA estima que 95% da cocaína entrada nos Estados Unidos (cerca de 920 toneladas em 2018) venha da Colômbia, 84% pela rota do Pacífico e 16% pelo Caribe. Ao preço médio no varejo de US\$ 160/g, o total chega perto de US\$ 150 bilhões/ano. O braço caribenho da distribuição (cerca de US\$ 24 bilhões/ano) se faz por via aérea e é quase totalmente baseado na Venezuela. Vejam só: enquanto isso o Brasil luta tanto para ultrapassar 200 bilhões/ano de alimentos, minérios, máquinas, aviões, químicos, coisas assim.

Além de operar nos ramos de alimentos, medicamentos e pó branco, os milicos da Venezuela também se dedicam a atividades profissionais. Dizem os entendidos que as FFAA da Venezuela são das mais poderosas do continente. São 125 mil homens nas FFAA, mais 115 mil na Guarda Nacional e cerca de 400 mil milicianos paramilitares, todos, dizem, muito bem armados e disciplinados... será? Há alarmantes notícias de deserções e rebeliões, mas a grande mídia mal fala do assunto.

Além das Forças Armadas, Maduro conta com apoio, dentre outros, da China, da Rússia e da Turquia.

Vejam quanto apoio. Consta que a China, um dos grandes compradores de petróleo venezuelano, já emprestou mais de US\$ 55 bilhões à Venezuela, e caiu numa armadilha. Se parar de emprestar, Maduro pode cair; se continuar, arrisca-se a não receber. A maioria dos empréstimos é vinculada a entregas futuras de petróleo, cada vez mais duvidosas. Parece que há certa relutância dos investidores chineses, mas nessa altura não podem sair fora. De qualquer modo, a China tem importantes objetivos estratégicos na Venezuela.

A Rússia está na mesma situação, mas por motivos diferentes. Acuado pela oligarquia globalista, que ainda manda nos Estados Unidos, Putin é obrigado a aliar-se a qualquer um que seja inimigo dos seus inimigos. Daí suas ligações com o Irã, a Síria e, aqui na América Latina, com Cuba e Maduro. Além disso, a Rússia investiu 6 bi euros na Petroleos de Venezuela e negócios financeiros de 11 bilhões de euros em vendas de armas. Se Maduro cair, além de arriscar-se a perder dinheiro, é provável que a Venezuela, em mãos mais competentes, tente aumentar suas exportações de petróleo, o que prejudicaria a posição da Rússia como maior produtora do mundo.

Como se vê, o apoio da China e da Rússia não é confiável. E a Turquia? A ligação entre Erdogan e Maduro tem motivos torpes. Um dos negócios lucrativos dos generais é a exploração de minas de ouro existentes no interior do país. Segundo o jornal israelense Haaretz, o metal é refinado na Turquia e usado em negócios com o Irã. A conferir.

Como se sabe, o grande adversário de Maduro neste momento é Juan Guaidó, parlamentar que parece ter tudo para vencer essa luta desigual. Sua autoproclamação como Presidente interino do país é juridicamente perfeita porque Maduro não tem legitimidade e não é, legalmente, presidente de coisa nenhuma. Além de contar com amplo apoio internacional, Guaidó representa a única saída. Maduro e seus generais estão num beco sem saída, com o tempo a correr contra si. Além de todas essas vantagens, Guaidó, cá entre nós, é muito mais apresentável do que seu adversário. Jovem, belo, excelente orador, carismático, Guaidó, em seus discursos, me faz lembrar a personagem de Marco Antonio no “Júlio César” de Shakespeare, pelo jeito com que dialoga com o público e manipula suas emoções. Nos últimos pronunciamentos ele tem incitado a população a organizar-se em **cabildos** de autogoverno nas províncias, evocando assim as raízes das revoluções que levaram à independência das colônias espanholas, ressuscitando o autêntico espírito de Bolívar, usurpado por Chávez.

Parece dramático, não? Infelizmente, caros leitores, já vivi demais para embalar-me com essas histórias. Guaidó versus Maduro me parece o perfeito enredo cinematográfico, com dois atores sob medida para os papéis de herói e vilão.

Aposto que Maduro não vai se aguentar por muito tempo, apesar dessas firulas de apoio monolítico dos seus generais, ou de ameaças chinesas e russas. Testemunhei pessoalmente a queda do Xá no Irã em 1979, e vi como desmorona um governo que até então parecia inexpugnável, quando se torna odiado pela população.

Não sei o que será da Venezuela após a queda do tal “bolivarianismo”. Mas nessa história toda, acho que a lição para o Brasil é clara: temos de encarar o novo mundo do século 21, o desmoronamento dos blocos de poder e a volta da **Realpolitik**. O Brasil precisa se assumir como potência militar regional. A crescente intromissão de russos e chineses em nossas vizinhanças não pode continuar a ser contrabalançada apenas pelos Estados Unidos.

* Economista